

CORREIO NO MUNDO

Office of the Governor/ South Dakota



Kristi Noem não resistiu à crise do ICE e foi demitida

Após crise do ICE, Donald Trump demite Kristi Noem

A secretária do Departamento de Segurança Interna dos EUA, Kristi Noem, foi demitida nesta quinta (5). A informação foi anunciada pelo presidente Donald Trump por meio da rede social Truth Social. A possibilidade da demissão de Noem vinha sendo ventilada em meio às crises do ICE, o serviço de imigração dos EUA, e da morte de dois americanos, Renee Good e Alex Pretti, no início deste ano em Minnesota por agentes federais.

Na véspera da demissão, Noem foi interrogada pelo Congresso dos EUA e repetiu que os americanos mortos pelos agentes eram terroristas. Essas mortes se tornaram um problema para o governo Trump após gerar uma onda de críticas até mesmo dentro do partido republicano.

Kristi tinha o prestígio de Trump

Para analistas, Kristi Noem era mantida na posição mesmo diante da crise por ser fiel a Trump e comandar a operação contra imigrantes, que foi uma das principais bandeiras na campanha para o retorno do presidente a Washington.

O site de notícias políticas Punchbowl afirmou que Trump tinha começado a questionar parlamentares republicanos se deveria demiti-la.

Gage Skidmore/ Surprise, AZ, USA, via Wikimedia Commons



Markwayne Mullin foi o escolhido para assumir o cargo

Postura incomodou o presidente

De acordo com o veículo, o presidente teria ficado insatisfeito com a postura de Noem diante de parlamentares e especialmente pela resposta ao ter sido questionada sobre uma campanha publicitária financiada pelo governo, que teria custado cerca de US\$ 220 milhões (R\$ 1,14 bilhão) e foi concedida a uma empresa administrada pelo marido de Tricia McLaughlin, ex-porta-voz do DHS. Durante a audiência, Noem disse diversas vezes que Trump aprovou a campanha, na qual Noem tinha papel principal. Noem ainda enfrentava uma paralisação (shutdown) da sua pasta.

Ex-lutador de MMA assume a pasta

No lugar de Noem, Trump anunciou a nomeação do senador de Oklahoma, Markwayne Mullin, a partir de 31 de março. “Guerreiro Maga e ex-lutador profissional de MMA invicto, Markwayne realmente se relaciona bem com as pessoas e conhece a sabedoria e a coragem necessárias para avançar nossa agenda ‘America First’”, disse Trump.

Por Isabella Menon (Folhapress)

Fogo no Bahrein I

Um ataque com mísseis balísticos de curto alcance do Irã atingiu nesta quinta (5) a principal refinaria do Bahrein, em Maameer. Operada pela estatal Bapco, a unidade foi alvejada durante uma barragem a vários pontos do pequeno reino, que tem um histórico turbulento de relações com Teerã.

Fogo no Bahrein II

Em 2011, na Primavera Árabe, a população xiita rebelou-se contra a família real, sunita. O governo culpou os iranianos pela agitação, dado que Teerã é o centro político do xiismo no mundo, e pediu apoio militar aos aliados da Arábia Saudita para reprimir os protestos.

Por Igor Gielow
(Folhapress)

Otan em alerta I

A aliança militar ocidental decidiu nesta quinta-feira (5) manter em estado de alerta suas defesas contra mísseis balísticos. A medida foi decidida um dia após forças da Otan no Mediterrâneo oriental derrubarem um míssil vindo do Irã rumo ao espaço aéreo da Turquia. Teerã negou ter feito o disparo.

Otan em alerta II

O secretário-geral do clube militar, Mark Rutte, descartou a necessidade de acionar o artigo 5 da carta, que prevê assistência mútua. Reino Unido, França, Itália, Grécia, Espanha e Holanda já anunciaram o envio de reforços navais para a região após drones atingirem uma base britânica na ilha de Chipre.

Por Igor Gielow
(Folhapress)

Decisão antiga I

O ministro Israel Katz (Defesa) disse que a decisão do Estado judeu de atacar e matar o líder supremo do Irã, Ali Khamenei, foi tomada em novembro do ano passado. “Em novembro, nós nos reunimos com o primeiro-ministro [Binyamin Netanyahu] e ele estabeleceu a meta de eliminar Khamenei”, afirmou.

Decisão antiga II

Israel Katz fez a revelação em entrevista ao canal televisivo israelense N12. O ataque à região, contudo, estava previsto para ocorrer em meados deste ano, e foi adiantado devido à evolução da crise entre os Estados Unidos e o Irã.

Por Igor Gielow
(Folhapress)

Chanceler Wang Yi mantém contato com líderes da região

China se articula contra os danos da guerra do Irã

Desde o início da guerra, chanceler Wang Yi fala com líderes da região

A China está se articulando para minimizar os danos causados pela guerra do Irã e pela decisão do país persa de fechar o estreito de Hormuz, o que pode afetar diretamente sua economia no longo prazo e coloca sua influência no Oriente Médio sob teste.

Desde o ataque coordenado entre Estados Unidos e Israel contra o Irã, o chanceler Wang Yi teve a agenda cheia de ligações telefônicas com contrapartes de diversos países.

Dois dos principais atores da guerra, Irã e Israel, estão na lista. Também figuram os responsáveis pela pasta das Relações Exteriores de Rússia, França e Omã.

Na conversa mais recente, a pedido do chanceler israelense, Gideon Sa'ar, Wang recebeu um relatório sobre o posicionamento de Tel Aviv na guerra. Segundo relato da chancelaria de Pequim, a parte chinesa reafirmou o que tem dito sucessivamente na mídia estatal, em entrevistas coletivas e em documentos oficiais: que defende a via diplomática.

Wang afirmou que a China se opõe aos ataques e que há anos atua para promover uma solução política para o programa nuclear iraniano. Declarou ainda que as negociações entre o país persa e os americanos alcançaram progressos “lamentavelmente” interrompidos pelo início das “hostilidades”. Não há, até a publicação desta reportagem, informações detalhadas sobre o que Sa'ar teria dito a Wang.

A ligação ocorreu um dia

após o chanceler chinês conversar por telefone com seu homólogo iraniano, a pedido dele. Abbas Araghchi, chefe da pasta persa, destacou que o ataque foi feito em meio a negociações e que seu país “não teve outra escolha senão defender-se plenamente”, segundo relato da chancelaria chinesa.

Wang, por sua vez, afirmou que “valoriza a tradicional amizade sino-iraniana e apoia o Irã na defesa de sua soberania”. Ficou claro, porém, que Teerã está ciente de que Pequim se mantém imparcial.

Os líderes não abordaram o fechamento do estreito de Hormuz, que pode afetar a segurança energética da China.

De todos os telefonemas, o com a contraparte iraniana parece ter peso maior. Para além da amizade destacada por Wang, os países têm uma parceria estratégica de 25 anos assinada em 2021; a China é o principal parceiro comercial do Irã, e o país persa é parte importante da expansão do Cinturão e Rota —por ser um dos nós que conecta a Ásia, o Oriente Médio e o Ocidente.

A iniciativa, que visa ampliar a integração econômica da China e aumentar sua influência geopolítica, entre outros objetivos, segue como prioridade de Xi Jinping, o líder chinês que a criou.

O tom diplomático, embora assertivo, das ligações entre os chanceleres segue o histórico chinês diante de outros conflitos.

Por Victoria Damasceno
(Folhapress)